
“Lições” do educador Neidson Rodrigues

MAGDA CHAMON¹

1. Doutora em Educação, professora aposentada na FAE/UEMG, coordenadora do Projeto Veredas, Pesquisadora e professora do Mestrado em Direito da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC, professora de vários cursos de Pós-Graduação em Educação.

Iniciava-se o ano de 1983, e com ele muitas esperanças e perspectivas, em função de meu ingresso no concorrido curso de Mestrado da FAE/UEMG. Início de curso, atividade coletiva de socialização de experiências profissionais (análise crítica da prática pedagógica), três grandes educadores na coordenação do processo de trabalho. Destacava-se, entre eles, a figura de um homem forte, já famoso nas lides intelectuais, porém para mim ainda desconhecido: era o professor Neidson Rodrigues. Mostrou-se mais que um professor: de fato, um educador.

Dirigia a todos questionamentos e desafios, propondo um trabalho de reflexão sobre a realidade social e educativa de nosso país e do mundo ocidental, ajudando-nos a compreender que não é suficiente pensar o mundo se não nos propusermos a construir uma realidade nova. Alertava: “Não basta construir representações intelectuais se as mesmas não tiverem vínculo com a realidade, ou seja, se não tiverem força capaz de conduzir sujeitos a ações coerentes e historicamente necessárias”.

Ali estava ele pleno de convicções sólidas, fundamentadas por uma visão e prática de mundo comprometidas em transformá-lo.

Portador de uma trajetória intelectual ousada, consistente e problematizadora, Neidson enveredava-nos para o caminho vigoroso e conflitante da atividade intelectual reflexiva e fervilhante de buscas compreensivas.

Muitas vezes tínhamos um sentimento de perda do equilíbrio, da segurança, numa busca constante de explicitação de relações. Assim, nosso mestre desafiava-nos à produção do conhecimento no campo das Ciências Sociais. Para ele, a educação constitui-se como um processo de humanização, retomada sempre como experiência dialética de libertação do homem.

Ainda em 1983, apresentou-nos a história e as idéias de Gramsci, advertindo-nos de que para o grande pensador italiano o importante é derrubar o preconceito de que a Filosofia seja uma atividade destinada a indivíduos providos de capacidade intelectual privilegiada, e que a mesma está presente em todos os homens, manifestando-se na linguagem, no modo de vida, na visão de mundo e na fé política.

A tarefa dos filósofos seria, portanto, possibilitar a outros homens, a outros companheiros do mesmo caminho, ultrapassar certa concepção a-crítica, uma visão de “senso comum” do mundo. Para tal, faz-se necessário possibilitar a outros a compreensão de pensamentos e ações socialmente necessários, de fatos históricos relevantes, favorecendo a compreensão da necessidade de uma “ação criadora” própria, em função de seu envolvimento com uma concepção de mundo claramente explicitada.

“É esta a tarefa pedagógica a que o intelectual se obriga. Há que buscar a orientação das consciências para a ação.” De outra forma, seria impossível compreender o real e transformá-lo, não mais segundo os ditames de princípios exteriores ao sujeito no mundo, mas a partir das crenças e das posições que o mesmo é capaz de descobrir, de acordo com sua nova “visão” e segundo um novo “sentido” do mundo.

Para mim ficou marcada uma das grandes lições do educador Neidson Rodrigues:

"É necessário que todos aqueles que militam em atividade intelectual compreendam e assumam a tarefa de conduzir os segmentos sociais a um melhor entendimento da experiência histórica vivida."

Passei gradualmente, ao longo das lições do mestre, a compreender melhor o pensamento dialético e a necessidade de estar atenta à realidade imprevisível e dinâmica, e às suas contradições, em proveito da práxis.

No mesmo ano o professor Neidson foi arrebatado de nosso convívio diário. Fora convidado pelo então secretário de Estado da Educação, prof. Otávio Elísio, a assumir o cargo de superintendente educacional da Secretaria de Educação. Tive uma sensação próxima à orfandade. Ali na FAE/UFMG tínhamos vários e excelentes provedores intelectuais. Mas o vínculo com o prof. Neidson já estava estabelecido, e ele iria nos abandonar. Pensamento pequeno, mas as questões do afeto nem sempre podem ser racionalizadas.

Passamos a acompanhar, primeiro à distância e depois mais de perto, o momento histórico de Neidson em sua nova empreitada. Ele nos revelou certo conflito ao passar de uma prática acadêmica a uma prática de liderança no comando de ações das políticas públicas da educação em Minas Gerais. Vislumbrávamos a certeza de seu sucesso na nova atividade prático-política. Estávamos cientes de que o compromisso intelectual do filósofo, respaldado em seus fundamentos éticos, teóricos e práticos, seria o sustentáculo de suas ações, apesar de todas as adversidades e contradições possíveis. Afinal, nós confiávamos nas lições do mestre.

Não foi diferente. Com sua virtude fundamental de escutar as *necessidades prementes* dos educandos e educadores mineiros, realizou o I Congresso Mineiro de Educação. Confinados à

“cultura do silêncio” e às práticas educativas obsoletas e tecnicistas impostas pelo golpe militar, instaurado em 1964, os educadores tinham muito o que dizer. Neidson sabia que era preciso “dar-lhes a palavra” para que esses companheiros de trabalho pudessem liberar seus pensamentos, suas vozes, sua concepção de mundo e de educação, sufocados e silenciados pelos poderes públicos por duas décadas.

Seu desejo era transpor a barreira do instituído em busca do instituinte. Neidson acreditava que um passo fundamental, no processo de despertar para a consciência crítica, era fazer com que os amordaçados pela opressão começassem a reconhecer-se como sujeitos de direito. Assim, buscava, através da organização e implementação daquele momento histórico, por ele burilado, a possibilidade de rompimento com certa “hospedagem” da consciência do dominador – seus valores, sua ideologia, seus interesses –, imposta pelo medo.

Era preciso instaurar o desejo e a necessidade de um saber emancipador, que precisava deixar de ser individual para transformar-se em luta coletiva – “os homens se libertam em comunhão”.

Por outro lado, Neidson, nutrido pelo legado de grandes pensadores, não separava teoria e prática. Nesse sentido, ele buscava a *dialogicidade* e postulava que a *educação-problematizadora* funda-se na relação dialógico-dialética entre o intelectual e os educadores, e que ambos aprendiam juntos. O educador Neidson Rodrigues, para pôr em prática o diálogo, colocava-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que aquele segmento de silenciadas(os) tinha grande experiência de vida e de práticas educativas e por isso era também portador de um saber.

Ali, ia se manifestando por inteiro o caráter dialético da atividade educativa: a possibilidade de expressão e da produção de uma “ação criadora” própria, mas ao mesmo tempo a possibilidade de inclusão prática dessa atividade na transposição conti-

nuada dessas aprendizagens coletivas com os próprios educandos.

Muitos encontros foram feitos, muitas questões problematizadoras iam sendo colocadas por Neidson, por sua equipe de trabalho da SEE/MG e pelos educadores mineiros. Processo educativo humanizador, em que todos eram gradativamente desafiados à reflexão crítica, à criatividade, à transformação de suas visões sobre o processo educativo e de suas próprias ações como educadores.

Foi um período de turbulência inesquecível para a Educação em Minas Gerais. Avanços e retrocessos, construções e desconstruções, sem contudo que o professor abandonasse em nenhum momento a posição coerente e ética sobre a função social e política da escola, expressa em seu livro "Por uma nova escola", apesar da quantidade avassaladora de tarefas típicas que o envolviam na função administrativa.

Foi então que o grande educador, impossibilitado de estar fisicamente nas várias instâncias de discussão desencadeadas, mas comprometido com a denúncia da alienação desumanizadora, se fez ouvir através de belíssimas "cartas" dirigidas aos educadores de Minas. Através delas destacava a importância do oprimido na luta libertadora e no resgate de sua dignidade e identidade profissional.

Criticava a visão ingênua de se perceber a escola como instituição neutra, que pairava sobre o bem e o mal. Por outro lado, anunciava a necessidade de uma postura confiante e dialógica que se fazia urgente: "ultrapassar o momento da crítica e passar à elaboração de uma nova concepção e proposta de educação a ser desenvolvida". Essas "cartas", dirigidas aos educadores, foram publicadas em 1984, no livro "Lições do príncipe e outras lições".

O palco para o lançamento deste livro não foi outro senão uma escola pública: o Instituto de Educação de Minas Gerais. Como professora, no então Curso de Pedagogia do Iemg, ele acenou-

me com o desejo de realizar o lançamento de sua obra naquele local, desejo este recebido com grande orgulho pelos então dirigentes e professores desta histórica instituição de ensino de Minas Gerais.

Em 1989, lançou conosco, também, o livro "Filosofia para não filósofos". Foi com grande satisfação e alegria que o acolhemos e buscamos fazer daqueles dois momentos únicos um nicho de afeto e aprendizagem, diante daquele educador que construía seu próprio conhecimento e irradiava saber, para que nos fortalecêssemos no confronto com as tortuosas trilhas de uma "superação integradora".

A trajetória de Neidson, após sua passagem marcante, transformadora e revolucionária pela SEE/MG, continuou coerente e brilhante. Foi realizar seu pós-doutorado em Londres, onde saboreou na fonte seus contatos com Marx e Engels, Gramsci e tantos outros pensadores clássicos. Em visita à Grécia, viveu momentos inebriantes, refazendo percursos históricos e realizando pesquisas documentais e iconográficas sobre grandes filósofos daquela cultura ímpar.

O incansável trabalho intelectual, teórico e prático levou-o à procura incessante de sistematizações de suas percepções, através da linguagem oral e escrita, que se avolumavam com indiscutível qualidade poética e sofisticação cognitiva, proporcionais à sua afetividade social e ao seu olhar cada vez mais solidário, humano e integrador.

A vigorosa, transgressora e filosófica trajetória de Neidson Rodrigues expira-se de forma inesperada em fevereiro de 2003, deixando uma lacuna irreparável quanto à transformação do discurso interno em discurso explícito, que tanto alimentava seus discípulos, alunos, companheiros, colaboradores e leitores.

Não foram poucas as lições do mestre. Deixou-nos o legado de aprender a pensar a importância da dialeticidade da teoria e da prática, das decisões coletivas de caráter deliberativo, de nos

superarmos num movimento crescente de humanização, de termos paciência histórica, considerando que tudo é processo, e mais: a coragem do dizer e do fazer como processo pedagógico libertador.

Sigamos a sua provocação:

"Precisamos assumir o desafio de educar o homem para desenvolver o instinto da águia. A águia é o animal que desenvolve seus sentidos e habilidades, que aguça ouvidos, olhos e competência para ultrapassar os perigos, alçando vôo acima deles. É capaz, também, de afiar as suas garras para atacar o inimigo, no momento que julgar mais oportuno." (RODRIGUES, 1984).

Resumo

LIÇÕES DO EDUCADOR NEIDSON RODRIGUES

O presente artigo rende uma homenagem ao grande e destacado educador e intelectual Neidson Rodrigues, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Palavras-chave: *Neidson Rodrigues; tributo; educador.*

Abstract

"LESSONS" BY THE EDUCATOR NEIDSON RODRIGUES

The present article pays tribute to the great outstanding intellectual educator Neidson Rodrigues, a teacher at the Education College of UFMG – Federal University of Minas Gerais State.

Key Words: *Neidson Rodrigues; Tribute; Educator.*

Résumé

DES LEÇONS DE L'ÉDUCATEUR NEIDSON RODRIGUES

L'article rend hommage au grand et distingué éducateur et intellectuel Neidson Rodrigues, professeur de la Faculdade de Educação de l'Universidade Federal de Minas Gerais.

Mots-clés: *Neidson Rodrigues; tribut; éducation.*